

**O TRABALHO DOS PESCADORES E PESCADORAS ARTESANAIS DA
COMUNIDADE DE VILA BASTOS NO MUNICÍPIO DE
TEFÉ/AMAZONAS.**

**THE WORK OF ARTESANAL FISHERMAN AND FISHERWOMEN OF
VILA BASTOS COMMUNITY IN THE MUNICIPALITY OF
DE TEFÉ/AMAZONAS.**

**EL TRABAJO DE LOS PESCADORES Y PESCADORAS ARTESANALES
DE LA COMUNIDAD DE VILA BASTOS EN EL MUNICIPIO
DE TEFÉ/AMAZONAS.**

gleiciane.ufam@gmail.com¹
lmendes@uea.edu.br²
vsussomo@uea.edu.br³

RESUMO: A pesca na Amazônia é uma atividade que faz parte da vida, da sobrevivência e reprodução dos povos dessa região. Este estudo teve o objetivo de analisar as condições e relações de trabalho dos pescadores e pescadoras artesanais dessa Comunidade ribeirinha no município de Tefé-Amazonas. Para alcançarmos os objetivos realizamos entrevistas com os pescadores e pescadoras artesanais no período de abril a junho de 2021, e coletamos dados em suas entidades de classe. A pesca é a principal atividade econômica da comunidade, é realizada pelo núcleo familiar ou de forma coletiva, onde utilizam pequenas embarcações, apetrechos de pesca simples e de uso próprio. As dificuldades apresentadas são chuva, temporais, sol, banzeiros, botos, piratas e na questão da comercialização que envolve agentes como compradores de frigoríficos, barcos compradores e compradores do entreposto. Além disso, conta com uma frágil organização de classe, o pescador está subordinado a lógica capitalista e conta com pouco apoio do Estado para realização de seu trabalho.

Palavras-chave: Trabalho; Pesca Artesanal; Amazônia; Comunidade Vila Bastos.

ABSTRACT: Fishing in the Amazon is an activity that is part of the life, survival and reproduction of the peoples of this region. This study aimed to analyze the working conditions and relations of artisanal fishermen and fisherwomen of this riverside community in the municipality of Tefé-Amazonas. To achieve the objectives, we conducted interviews with artisanal fishermen and fisherwomen from April to June 2021, and collected data from their class entities. Fishing is the main economic activity of the community, it is carried out by the family nucleus or collectively, where they use small boats, simple fishing equipment and their own use. The difficulties presented are rain, storms, sun, bathers, dolphins, pirates and the issue of commercialization that involves agents such as buyers of refrigerators, boat buyers and buyers of the warehouse. In addition, it has a fragile class organization, the fisherman is subordinated to capitalist logic and has a fragile class organization, the fisherman is subordinated to capitalist logic and has little support from the State to carry out his work.

Keywords: Work; Artisanal Fishing; Amazon; Vila Bastos Community.

RESUMEN: La pesca en la Amazonía es una actividad que forma parte de la vida, supervivencia y reproducción de los pueblos de esta región. Este estudio tuvo como objetivo analizar las condiciones y

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGEQG, Universidade Federal do Amazonas – UFAM. gleiciane.ufam@gmail.com

² Professor Msc. do Centro de Estudos Superiores de Tefé - CEST/UEA. lmendes@uea.edu.br
vsussomo@uea.edu.br

³ Professora Msc. do Centro de Estudos Superiores de Tefé - CEST/UEA. vsussomo@uea.edu.br

relaciones laborales de los pescadores y pescadoras artesanales de esta comunidad ribereña en el municipio de Tefé-Amazonas. Para lograr los objetivos, realizamos entrevistas a pescadores y pescadoras artesanales de abril a junio de 2021, y recolectamos datos de sus entidades de clase. La pesca es la principal actividad económica de la comunidad, se realiza por el núcleo familiar o de manera colectiva, donde utilizan pequeñas embarcaciones, equipos de pesca sencillos y para uso propio. Las dificultades que se presentan son la lluvia, las tormentas, el sol, los bañistas, los delfines, los piratas y el tema de la comercialización que involucra a agentes como compradores de refrigeradores, compradores de barcos y compradores del almacén. Además, tiene una frágil organización de clases, el pescador está subordinado a la lógica capitalista y cuenta con poco apoyo del Estado para realizar su trabajo.

Palabras clave: Trabajo; Pesca Artesanal; Amazona; Comunidad de Vila Bastos.

INTRODUÇÃO

A pesca na Amazônia é uma atividade que tem permitido ao longo dos anos a reprodução da população ribeirinha (MORAES *et.al*, 2010), constituindo-se como fonte de alimento, emprego e renda para grande parte de sua população (SANTOS, 2020) principalmente pelo grande potencial pesqueiro e da relação de dependência das comunidades tradicionais por esta atividade (GOLÇALVES, 2018).

Esse potencial pesqueiro é demonstrado pela quantidade de pescado desembarcado no município de Tefé – Amazonas, que em 2018⁴ apresentou uma produção de 1.577.426 kg de pescado desembarcado conforme o boletim do desembarque pesqueiro realizado pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSMS, 2018).

Apesar da importância dessa atividade no que se refere a produção de alimento e geração de emprego e renda, pouco se tem discutido sobre a atuação desses pescadores artesanais, as relações e condições de trabalho; as políticas públicas existentes voltadas para o setor pesqueiro; se há exploração por algum sujeito; grupo ou empresa; se estão submetidos ao mercado capitalista de peixe; quando seu produto se transforma em mercadoria; o papel desempenhado pelas entidades em que são filiados; e se realmente são representados na conquista de seus direitos.

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar as condições e relações de trabalho dos pescadores e pescadoras artesanais da Comunidade Vila Bastos no Município de Tefé – Amazona, descrevendo e avaliando os territórios do trabalho, desde a organização da ida a pesca até o momento da comercialização do produto.

Este artigo está estruturado em quatro tópicos. No primeiro, realizou-se uma discussão teórica sobre a categoria trabalho e geografia. No segundo tópico foi feito um levantamento bibliográfico

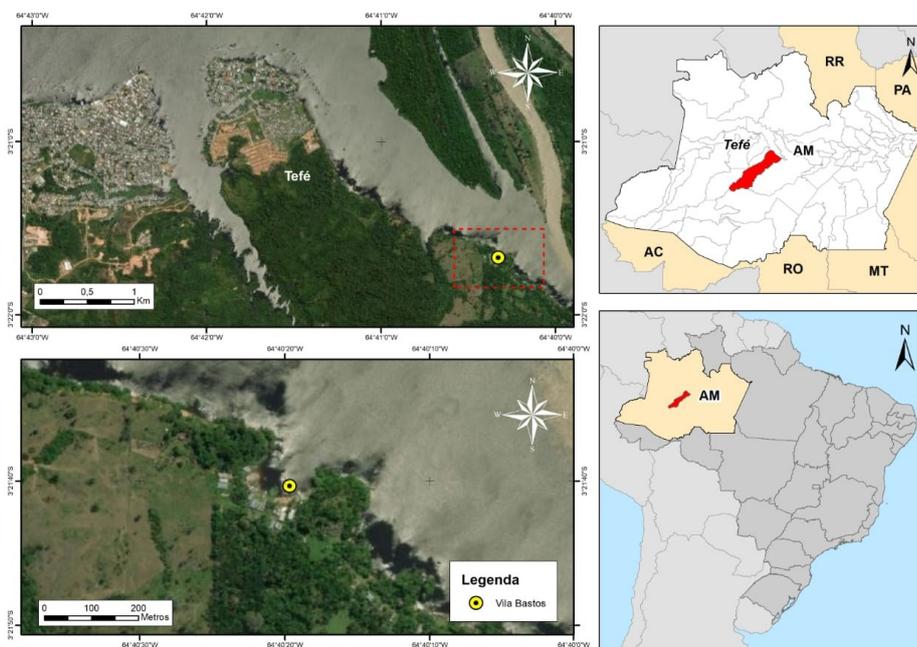
⁴ Último registro completo sobre o desembarque de pescado realizado pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá em Tefé.

dos trabalhos realizados no âmbito da pesca em Tefé, que ainda carece de estudos científicos. No terceiro foi realizado uma descrição do trabalho da pesca na comunidade de Vila Bastos, evidenciando o perfil socioeconômico dos pescadores, como se organizam para o trabalho, a renda obtida pelo trabalho na pesca, as dificuldades enfrentadas na atividade etc. No quarto e último capítulo foi discutido o processo de comercialização do pescado que envolve atores como pescadores artesanais, barcos compradores e frigoríficos. Além disso, apresenta-se as organizações de classe e influências dessas sobre a atividade pesqueira, as relações entre pescadores e os compradores de pescado no processo de comercialização e as políticas públicas voltadas para o setor pesqueiro.

Este artigo é resultado de um trabalho de conclusão de curso realizado na Universidade do Estado do Amazonas, cuja área de estudo é a comunidade de Vila Bastos, localizada no município de Tefé na Região central do estado Amazonas. Tefé apresenta uma área territorial de 23.808 km e aproximadamente 74.142 habitantes (IBGE, 2022).

A comunidade Vila Bastos (Figura 1) que está localizada a margem direita do lago de Tefé a 8,5 km da área urbana de Tefé, com um percurso aproximado de 15 minutos de canoa com motor rabeta de 15 hp's. A população é de aproximadamente 145 habitantes.

Figura 1. Localização da comunidade Vila Bastos, município de Tefé - Amazonas.



Elaboração: RABELO (2021)

A pesquisa foi realizada de forma qualitativa, com visitas e observações que ocorreram de abril a junho de 2021. As entrevistas foram direcionadas aos pescadores e pescadoras artesanais para obtenção de informações referentes aos perfis socioeconômicos, as condições de trabalho, a importância do trabalho para a subsistência, relação ser-humano e natureza, as relações entre pescadores e agentes da comercialização, como estão organizados como categoria e influências que elas exercem sobre a atividade de pesca. Foram levantados dados na Associação dos Pescadores do Município de Tefé (ASPAMT), na Colônia dos Pescadores de Tefé Z-4 e no Sindicato dos Pescadores e Pescadoras Artesanais de Tefé (Sindpesca) quanto aos benefícios, número de pescadores filiados e políticas públicas voltadas para o setor pesqueiro. Além do mais, foram realizados estudos bibliográficos que abrangem o universo teórico referente a geografia do trabalho, a pesca artesanal e as contradições de classes.

TRABALHO E GEOGRAFIA: LEITURA DE MUNDO

Para Marx e Engels “o trabalho é uma atividade de transformação da natureza pela qual o homem constrói, concomitantemente, a si próprio como indivíduo e a totalidade social da qual é partícipe” (LESSA, 2012, p. 26). Diferentemente do trabalho abstrato que é uma atividade social assalariada, onde os homens são submissos aos mercados capitalistas, alienados ao capital e transformados em coisas. O trabalho é uma categoria de autoconstrução da vida humana, onde os homens são elevados a níveis cada vez mais desenvolvidos de sociabilidade (LESSA, 2012).

O trabalho pode ser entendido como mediador das transformações que o homem promove na natureza, no espaço e no território, originando a discussão na geografia sobre paisagem natural e humanizada. Os Geógrafos se preocuparam em entender os liames entre o ambiental e o social utilizando os conceitos Geográficos (espaço vital, gênero de vida, paisagem, espaço etc.) (THOMAZ JÚNIOR, 2002). Este autor avança na reflexão acerca das explicações geográficas sobre o trabalho humano e salienta que,

É nesse processo de auto-realização da humanidade através do trabalho, ao longo dos tempos, que reconhecemos o conteúdo do metabolismo social do capital que faz com que sociedade e natureza e, as mediações que governam essa relação dialética, sejam “lidas” pela Geografia como base fundante da compreensão da polissemia do trabalho no mundo atual ou a polissemização da classe-que-vive-do-trabalho (THOMAZ JÚNIOR, 2002, p. 4).

Para tanto, há que se compreender as contradições existentes no processo produtivo em uma sociedade com interesses antagônicos, pois, sabemos que há trabalhadores que, através da força de trabalho, produzem bens os quais não possuem condições financeiras de comprar, como

as suas próprias ferramentas de trabalho e, muitas vezes, nem mesmo conseguem adquirir os bens por eles produzidos.

Em se tratando do trabalho do pescador artesanal, que, além de produzir para sua subsistência ainda investe uma parte da sua renda em instrumentos de trabalho. E quando não possuem capital para arcar com os custos relativos à atividade, considerados como investimentos sobre a captura, se transformam em simples tripulantes de barcos (MORENO e CARVALHAL, 2013; RAPOZO, 2011). Leal (2021) descreve essa relação de trabalho como:

(...) uma forma de trabalho não assalariado, em que os trabalhadores não proprietários dos meios de produção (barcos, redes, isopor e demais apetrechos) dividem com o proprietário o resultado do trabalho na pesca. De outro modo, o pescador remunera o proprietário do barco pelo uso dos meios que viabilizam a realização das pescarias (p. 12).

Dessa forma, a subordinação do pescador ao dono do barco se dá por que este último é quem lhes dá as condições necessárias para a realização das pescarias e garante a compra do pescado, porém, é ele quem determina o valor a ser pago pela produção. É uma forma de parceria, sendo que o dono do barco não garante salário ou dinheiro ao pescador pela viagem, mas compra o peixe que ele conseguir capturar. Sendo assim, induz o “(...) pescador a se empenhar, cada vez mais, no processo de captura, não tendo limite de jornada de trabalho” (CRUZ, 2007, p. 156-157). Essa relação seria diferente se o pescador tivesse capital para investir nas pescarias e infraestrutura adequada para o escoamento da produção (SOUSA, 2008).

Os donos de barco em certos momentos já foram pescadores ou ainda participam das pescarias, mas passam a ocupar uma posição superior aos pescadores porque eles detêm os instrumentos do trabalho e condições para arcar com as despesas das viagens de pesca. Além disso, obtém os 50% do resultado da produção, depois da retirada das despesas, enquanto que outro 50% é dividido entre os pescadores que participaram da expedição.

O processo de trabalho de acordo com Moreno e Carvalhal (2013), cria valores-de-uso, mas, não necessariamente tem o objetivo de produzir valores-de-troca. Porém, com a hegemonia capitalista, o trabalho passa a ser administrado pela acumulação privada do capital, através da mais-valia. Assim, o processo de trabalho sofre modificações em virtude da subordinação do trabalho ao capital, sendo assim, o que o trabalhador recebe sob a forma de salário é muito menor do que o que ele de fato produziu. O homem não produz, no capitalismo, apenas para atender as suas necessidades através do trabalho, mas para satisfazer os detentores dos meios de produção que visam o lucro e sua reprodução.

Em síntese, partimos da descrição da paisagem apresentando o cotidiano do trabalho desses sujeitos desde a organização prévia da pesca até a comercialização. A partir desta descrição podemos compreender como os sujeitos se apropriam do espaço criando seus territórios, de que maneira eles fazem isso, os instrumentos de trabalho, de domínio e as relações sociais de produção. No entanto, são os princípios lógicos a base dessa base, a localização, extensão, posição, escala, conexão e distância. (...) Eles criam os espaços, por estarem presentes também nele, convertem a paisagem em território e o território em espaço (MOREIRA, 2008, p. 117). Esses princípios criam cada qual uma sequência de desdobramentos de subcategorias que permite a materialização do espaço na empiria do território e da paisagem (Ibid). A partir dessa ordem teórica é que damos sentido específico ao que denominamos de leitura geográfica da realidade.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A PESCA ARTESANAL EM TEFÉ

No município de Tefé, são registrados⁵ aproximadamente 3.007 pescadores artesanais. Apesar da importância da atividade de pesca para esta população que sobrevive desse trabalho diário, ainda se encontram poucos estudos científicos voltados para a atividade de pesca, sendo que esta atividade juntamente com a agricultura constitui-se como as principais atividades socioeconômicas desenvolvidas no município (MIRANDA, 2021).

Sousa (2008) realizou um estudo sobre os pescadores artesanais do bairro do Abial⁶, e encontrou-se referência a uma espécie de reprodução do sistema de aviamento tradicional, que parece ter deixado marcas na cultura local, sobretudo entre os pescadores. Conforme Marinho (2013):

No sistema de aviamento o comerciante ou aviador adianta bens de consumo e alguns instrumentos de trabalho ao produtor, e este restitui a dívida contraída com produtos extrativos e agrícolas. O aviamento, termo cunhado na Amazônia, é um sistema de adiantamento de mercadorias a crédito. Começou a ser usado na região na época colonial, mas foi no ciclo da borracha que se consolidou como sistema de comercialização e se constituiu em senha de identidade da sociedade amazônica” (p. 18).

Em Tefé, esse sistema vigorou principalmente na pesca que juntamente com outros produtos extrativos “constituía a base da economia regional em fins do séc. XIX e início do séc. XX” (SOUSA, 2008, p. 40). Deste modo, se tornou comum os pescadores do bairro do Abial recorrerem aos donos de frigoríficos ou ao proprietário da fábrica de gelo Frigopesca

⁵ Quanto a quantidade de pescadores filiados, os dados foram obtidos através da própria Colônia dos Pescadores Z-4, na Associação dos Pescadores Artesanais de Tefé – ASPANT e no Sindicato dos Pescadores de Tefé – SINDPESCA.

⁶ Para se chegar a esse bairro é necessário fazer a travessia na enchente e na cheia por intermédios de catraias (SOUSA, 2008).

(denominados pelos pescadores de patrão) por investimentos que assegure a pescaria, que envolve a compra de rancho, combustível, conserto ou compras de materiais de pesca, aquisição de gelo e até disponibilizam o barco de pesca. Em troca, com o resultado da pescaria, o pescador vende a produção para o agente que o financiou e desconta a sua dívida. Quando o pescador não consegue uma quantidade suficiente de pescado para quitar sua dívida, ela fica ativa para ser paga na próxima pescaria. Essa relação social não se constitui no mesmo sistema do aviamento tradicional, “porque não se constitui na antiga cadeia de dívidas que subordinava também o patrão a uma casa aviadora, e esta, a outros credores. O patrão não deve a uma casa importadora, por exemplo, e a troca se dá a partir do empréstimo em dinheiro” (SOUSA, 2008, p. 233). A subordinação do pescador a esses agentes financiadores se dá principalmente, pela falta de capital disponível para novas pescarias.

Neves (et al., 2019) e Moraes (et al., 2010) analisaram a cadeia produtiva da pesca artesanal em Tefé. No entanto, Moraes (et al., 2010) analisou especificamente os pescadores urbanos, suas relações de trabalho e a produção de bagres (popularmente conhecidos como peixes lisos ou de couro). O artigo apresenta uma discussão acerca da pesca com base em dados sobre a estrutura do mercado de peixes de escama e bagres, obtidos nas cidades da calha do Rio Solimões, a qual Tefé faz parte. Sendo que, como o comércio de bagres destina-se ao mercado internacional, a configuração da estrutura de mercado é mais complexa, contando com a atuação de vários agentes que intermedeiam o processo.

Batista e Barbosa (2008), analisaram o descarte de peixes na pesca comercial em Tefé e identificaram que as espécies mais descartadas foram os jaraquis, tucunarés e branquinhas, porém os mais frequentes, no descarte, foram espécies dos Siluriformes. O descarte foi menor na enchente (5-17% da captura, conforme apetrecho) que durante a vazante-seca (20-62%, conforme apetrecho). Para esses autores, “o descarte deve ser considerado um componente fundamental avaliado na estatística pesqueira e nos modelos que envolvem manejo pesqueiro no médio Solimões” (p. 104). Assim como também, a atuação do pescador “em pesquisas participativas que facilitem a geração de soluções tecnológicas para o descarte” (p. 104).

Santos e Bernhard (2017) buscaram compreender a relação entre os conhecimentos sobre o ecossistema e a atividade pesqueira na percepção dos pescadores locais, identificando as espécies de peixes existentes no lago de Tefé e descrevendo a sua ecologia. Este estudo demonstrou que os pescadores do lago de Tefé detêm grandes conhecimentos dos peixes a partir da sua atuação na pesca. Eles identificaram uma grande variedade de espécies de peixes, sobre as localidades onde mais

se concentram para a proteção e alimentação, sua sazonalidade, padrão de movimentação, alimentação e fatores naturais das quais as espécies podem sofrer alguma influências.

O desenvolvimento das pesquisas nos possibilita um olhar mais apurado a respeito do trabalho dos pescadores e pescadoras artesanais principalmente de outras comunidades, para conhecermos as dificuldades que eles enfrentam nas suas atuações, os territórios de pesca, como se apropriam do espaço, a produção e comercialização do seu produto para compreendermos as particularidades dos modos de vida e de trabalho dos ribeirinhos da Amazônia.

O TRABALHO DA PESCA NA COMUNIDADE DE VILA BASTOS: UMA DESCRIÇÃO DA REALIDADE

“A paisagem é ponto de partida e de chegada à produção da representação em geografia. Isso significa valorizar a imagem e a fala na representação geográfica” (MOREIRA 2008, p. 109). Esta pesquisa em Geografia inicia da descrição da paisagem, pois esta ciência busca na paisagem (imagem) os significados consistentes para encontrar os padrões que levem a evidência da organização do espaço (MOREIRA, 2008).

Nesse sentido, partimos da descrição da comunidade de Vila Bastos. Esta foi fundada por Francisco Bastos e possui aproximadamente 145 moradores, destes, a maioria são descendentes do fundador. As casas são na maioria construídas com madeira, umas próximas das outras, simples e aconchegantes. Há o fornecimento de energia, pequenos comércios, igreja e a assistência à saúde é realizada por uma agente comunitário da própria comunidade (figura 2).

Figura 2. Comunidade de Vila Bastos – Tefé/Amazonas



Fonte: Próprio autor (2021)

O rio apresenta o espaço vivo e vivido de acordo com Santos (2020), pois é através dele que as populações sobrevivem e dependem dos recursos naturais para sua qualidade de vida. Transformam a paisagem dando características carregadas de simbologias e identidades, pois possuem formas de apropriação do território e territorialidades que se reconstróem de acordo com as suas necessidades (Idem).

A atividade de pesca na comunidade é realizada tanto por homens quanto por mulheres. Para Santos (2020) a atividade pesqueira passou por diversas transformações no mundo do trabalho, inclusive deixando de ser uma atividade exclusiva de homens. Assim, as mulheres passaram a desenvolver o trabalho na pesca com o intuito de contribuir com o sustento e renda familiar.

A faixa etária dos pescadores e pescadoras entrevistados foram de 38 a 60 anos de idade. No entanto, as crianças e jovens da comunidade participam das pescarias com os pais e com a vizinhança, pois desde cedo eles aprenderam a desenvolver técnicas e habilidades no ambiente familiar que, conforme Diegues (2000), é o resultado de um longo período de ajustamentos culturais nos quais os valores, as imagens e as percepções são desenvolvidas em relação ao ambiente. Além da pesca, as atividades que incrementam a renda dos comunitários são vendas de frutas, serragem de madeira e como servidor na prefeitura municipal de Tefé.

Os pescadores e pescadoras atuam na sua maioria em canoas movidas com motor de popa e armazenam o pescado em caixas de isopor ou em freezer inativos. Os apetrechos de pesca consiste em malhadeiras⁷, redes, anzóis e espinheis⁸ que são de uso próprio e utilizados conforme as espécies que desejam capturar.

A pesca na comunidade é realizada de forma individual quanto em núcleo familiar ou coletiva. Conforme os pescadores, as viagens duram de 3 a 4 dias, sendo que a quantidade de peixe capturado, tem que ser suficiente para cobrir as despesas com gasolina, gelo, alimentação, caixa de isopor e outras necessidades. Essas viagens são realizadas principalmente na pesca de bagres.

A pesca também ocorre próximo da comunidade, com retorno no mesmo dia. Assim, as despesas são menores. Geralmente é realizada a pesca coletiva, que tem como objetivo a captura de cardumes. Para isso, utilizam uma embarcação com maior capacidade que proporciona uma

⁷ As malhadeiras são “rede passiva com linhas mono e multifilamentosa. Possuem cabo e flutuadores na parte superior e chumbada na parte inferior” (GANDRA, 2010, p. 31).

⁸ O espinhel é uma linha principal forte e longa da qual prendem ligas menores com anzóis, empregado nos canais de rios ou lagos, em locais rasos e com pouca vegetação. É capturada todas as espécies de peixes (GANDRA, 2010).

produção que varia de 1 a 6 toneladas de pescado, com a atuação de aproximadamente 10 pescadores e com a utilização do apetrecho denominado de rede de arrasto (Figura 3). As redes de arrasto são “redes em náilon multifilamento que objetiva a captura dos peixes de fundo” (NASCIMENTO, 2016, p. 153) e apresenta uma extensão média de 142 metros (SOUZA JUNIOR, 2018), sendo manuseada com a utilização de três canoas para a realização do fechamento da rede no momento do lanço.

Figura 3. Pescadores artesanais da comunidade Vila Bastos no momento da pescaria



Fonte: Próprio autor (2021)

Quando a pesca é coletiva, há um acordo entre o dono da embarcação e os pescadores da viagem. Este primeiro é denominado pelos pescadores de “*chefe da pesca*”, sendo o detentor dos utensílios utilizados para a captura do pescado e responsável por uma parcela da renda obtida com a comercialização, o restante é dividido entre os pescadores. Segundo o relato do pescador que é dono de barco ele retira 30% dos lucros da venda do pescado, porém destacou que outros donos de barco retiram até 50 %. Outro pescador confirmou: “*existem alguns pescadores que são terceirizados, eles não possuem ferramentas de pesca e o que é pescado é tirado 50 % para o dono dos materiais*” (entrevistado 5)⁹. Essa condição atinge apenas uma minoria de pescadores da comunidade. A posse dos instrumentos de trabalho define o papel do pescador na organização produtiva. Para Araújo (2017), a pesca artesanal tem como forte característica econômica a divisão da produção por partes no sistema de divisão por meia, ou seja, metade da produção pertence ao dono da embarcação, por ser

⁹ Todas entrevistas foram concedidas a OLIVEIRA, Gleiciane, na própria comunidade, no dia 23 de maio de 2021.

proprietário dos meios de produção, e a outra metade é dividido entre os pescadores. Diante disto, perguntamos ao dono de barco como era a relação entre os parceiros de pesca e ele respondeu: *“Boa, somos amigos mais quando vamos pescar eu que mando, sou o dono do barco, o chefe da embarcação, não aceito bagunça, falta de respeito”* (entrevistado 02). Fica evidente que há uma relação de submissão, pois na pescaria os donos de barco ocupam um lugar de destaque na hierarquia do trabalho pesqueiro e os rendimentos são maiores comparados com a renda dos demais pescadores.

A renda na pesca varia muito de acordo com a sazonalidade da região Amazônica, onde o pescador tende a se adequar aos períodos hidrológicos da região. *“No período da cheia há uma diminuição da capturabilidade, pela alta dispersão e ampliação de habitat e refúgios”* (FABRÉ; BARTHEM, 2004, p. 38) ou seja, neste período quando os níveis dos rios se elevam, os ambientes aquáticos tendem a expandir-se na planície de inundação e fica mais difícil a captura do pescado. Com base nisso, o pescador comentou: *“Quando o período está bom para a pesca recebemos pela venda dos peixes de 400 a 800,00, quando o período da não está bom recebemos de 150,00 a 200,00 por mês”*. (Entrevistado 1). No depoimento de outro pescador percebe-se também a queda na captura de pescado: *“por mês com a venda do peixe chego a receber 800, 900,00 e as vezes não dá nem 300,00”* (entrevistado 03)¹⁰. Essa oscilação na produção do pescado altera a renda do pescador que sobrevive desse recurso.

Os pescadores na sua maioria são beneficiários do seguro defeso¹¹, que garante a eles um salário-mínimo para sua sobrevivência. Este auxílio é garantido nos meses de dezembro a março período que o pescador fica impossibilitado de pescar. A concessão do seguro-desemprego *“(…) visa evitar ou amenizar o esforço da pesca no período do defeso, preservando a produção de certas espécies de peixes e garantindo o sustento dos pescadores (...)”* (BILATE, 2002, p. 28).

Quanto as condições de trabalho, as dificuldades apontadas foram chuvas, temporais, sol, banzeiros¹² e os botos que furam as redes de pesca, causando prejuízo para o pescador. Com relação aos fenômenos naturais, eles podem ocasionar impactos na vida do pescador, comprometendo diretamente a sua saúde e bem-estar, e conseqüentemente baixo rendimento na produção. O excesso de exposição à radiação solar e o desconforto térmico por exemplo são constantes

¹⁰ OLIVEIRA, Francisco. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

¹¹ Benefício pago pelo Estado, garantido por lei, recebido pelo pescador artesanal durante o período de defeso em que a pesca fica proibida.

¹² Banzeiro são séries de ondas formadas pela pororoca ou pela passagem de uma embarcação e que quebram violentamente na praia ou nas margens do rio.

agravantes na vida do trabalhador rural (MIRANDA, 2022). No caso dos danos causados com as redes de pesca, são realizados os reparos ou remendos quando a à possibilidade de reutilizá-la.

A pandemia de COVID-19 também dificultou a execução do trabalho de alguns pescadores na comunidade, conforme relata esse pescador *“fiquei impossibilitada de trabalhar por causa da covid por que como já tinha problemas de saúde como hipertensão, com a covid só veio a piorar”* (entrevistado 8)¹³. Outro pescador relatou: *“Devido aos problemas de saúde decorrente da doença não pude trabalhar e fiquei com dificuldades financeiras por que deixei de pescar”* (entrevistado 1)¹⁴.

Além das dificuldade apresentadas pelos pescadores, houve relatos de que os “piratas dos rios” andavam armados pelos lagos de pesca. Este fato também se configura como uma dificuldade enfrentada pelos pescadores, visto que, interfere na execução do trabalho destes. A denominação de “piratas dos rios” é utilizada pelos moradores da região do Médio Solimões referindo-se aos assaltantes que frequentemente estão nos rios desta região realizando assaltos em barcos que fazem o transporte de pessoas e cargas e em embarcações dos moradores ribeirinhos. Eles utilizam armas de fogo, munições e lanchas para facilitar a fuga e para o carregamento de mercadorias roubadas. Com base no seguinte entrevistado, a dificuldade maior é dos possíveis ataques desses sujeitos: *“Quando tá seco a gente coloca a canoa no mato pra se esconder, enfrentamos chuvas, colocamos mosquiteiros na canoa pra dormir, mas o medo mesmo é de piratas atacarem a gente”* (entrevistado 6)¹⁵. Os pescadores colocam as canoas no meio do mato para se esconderem a noite dos piratas, sendo que, quando está no período da cheia dos rios como não podem se abrigar, eles preferem ir pescar e retornar no mesmo dia. A ação desses piratas só é possível devido à baixa fiscalização na região do médio Solimões, pois os ataques desses sujeitos tornaram-se um problema recorrente. Portanto, é necessário medidas que viabilize a segurança pública nas vias navegáveis dessa região, pois os pescadores da comunidade Vila Bastos atuam em meio à rotina do medo e instabilidade.

Os pescadores da comunidade são pagos não pelo tempo gasto na produção e sim, pela produtividade. Sendo assim, perguntamos ao pescador se o trabalho garante a eles e sua família uma boa qualidade de vida *“tem vezes que sim e tem vezes que não depende do período da pesca. Precisa melhorar as condições de trabalho por que devido as minhas condições de saúde não posso acompanhar meu marido”*

¹³ GONÇALVES, João. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

¹⁴ FERREIRA, Marcio. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

¹⁵ OLIVEIRA, Sebastião. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

(entrevistado 3)¹⁶. A pescadora está se referindo aos ciclos hidrológicos, quando o período está bom para a pesca o resultado também será bom para as vendas. Outro pescador comentou: *Sim, porque a gente não passa fome, aqui é farto. A gente pesca para comprar farinha por que ninguém tem roça* (entrevistado 4)¹⁷. O peixe além de servir como fonte de proteína para as famílias da comunidade também garante, com a comercialização, a compra de gêneros alimentícios para compor a mesa dessa população.

Quando indagados se estavam realizados com suas condições de vida e de trabalho os pescadores afirmaram: *“Sim, por que a pesca garante a sobrevivência de muitas famílias, devemos ser grato a Deus por tudo que temos”* (entrevistado 10)¹⁸. Outro pescador respondeu: *“Sim, é o suficiente para comer e sustentar os filhos”* (entrevistado 9)¹⁹. A pesca é o meio para o sustento e renda, pois é através do trabalho na pesca que eles garantem sua reprodução social.

Quando perguntamos se eles eram valorizados e reconhecidos pelos trabalhos desenvolvidos na pesca, o pescador respondeu: *“Não há valorização por órgãos governamentais e nem pela população tefeense”* (entrevistado 5)²⁰. A pesca se constitui como uma das principais atividades socioeconômicas desenvolvidas no município (MIRANDA, 2021). Por esta razão, deveria haver políticas públicas direcionadas aos pescadores e pescadoras artesanais do município, visto que, é por meio do trabalho desses agentes que o mercado e feiras da cidade são abastecidas.

APROFUNDANDO A ANÁLISE NO TERRITÓRIO DA PESCA: DISPUTA, COOPERAÇÕES E ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DOS PESCADORES

A comercialização da produção dos pescadores e pescadoras da comunidade Vila Bastos é realizada com os compradores de frigoríficos, com os barcos compradores e com os compradores do entreposto de pescado Antônio Castro Barroso.

¹⁶ NUNES, Juliana. (pescadora - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

¹⁷ RODRIGUES, Serafim. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

¹⁸ FERREIRA, Jenivaldo. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

¹⁹ ANDRADE, Sueli. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

²⁰ BENTES, Fernando. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

Foram apontados dois frigoríficos onde ocorre a comercialização, o frigorífico Distripeixe (conhecido como frigorífico do Verde)²¹ e o Frigopeixe da Amazônia²² (conhecido como frigorífico do Papi). O Frigorífico Frigopeixe da Amazônia absorve grande parte da produção de pescado de Tefé, que em 2019 representou cerca de 47% da produção de pescado desembarcada durante o período de janeiro a junho (IDSME, 2019). As negociações do pescado acontecem nos próprios frigoríficos, onde são negociados preferencialmente os bagres. Sobre o valor do kg do bagre, um pescador respondeu: *De 5 quilos para cima o quilo do peixe de primeira chega a 12,00 (um peixe grande e de boa qualidade), o dourado por exemplo. O de segunda que é de 5 quilos para baixo até 2 quilos custa de 7 a 8,00 o quilo e o de terceira é até 2 quilos chega a 4,00 (entrevistado 8)*²³. A opção da venda para os frigoríficos foi apontada como uma opção conveniente, pois conforme Moraes (2012), os pescadores passam a priorizar a captura dos bagres pela maior rentabilidade. O destino dessas espécies é a Colômbia (FERRAZ & BARTHEM, 2016) e outras regiões do Brasil (MORAES, et al., 2010).

Os compradores dos barcos de fora (assim denominados pelos pescadores), realizam a compra do pescado geralmente no momento quando ocorre a captura. Eles encostam o barco, e realizam a negociação com o responsável pela pescaria. Segundo os pescadores, o pescado tem como destino o mercado municipal. Esses compradores foram apontados como uma alternativa viável para a compra dos pescados *“a gente agradece quando chega os barcos de fora que compra muito de nós e paga melhor que o frigorífico quando eles vão embora que abastece tudo a gente cai nas mãos dos frigoríficos de novo” (entrevistado 10)*²⁴.

Os compradores do entreposto denominados pelos pescadores de atravessadores, realizam a compra da produção do pescador artesanal e revendem para os vendedores de pescado do mercado municipal de Tefé, para pequenos comerciantes como donos de bancas de pescado, e para a população em geral. A presença desses compradores nesta negociação justifica-se pela falta de espaços suficientes no mercado municipal para que todos os pescadores possam vender o pescado. Um pescador destacou a existência de um projeto que ainda está em análise pela nova gestão do Município *“Este prefeito atual nos garantiu uma balsa pesqueira para atender todo mundo tanto os pescadores*

²¹ Frigorífico do Verde é um frigorífico flutuante localizado próximo ao bairro do Abial.

²² Frigopeixe da Amazônia tem como razão social Frigopeixe Indústria e Comércio de Pescado Eireli foi fundada em 26/08/1986.

²³ SILVA, José. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

²⁴ BRITO, Maurício. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

quanto os atravessadores” (entrevistado 2)²⁵. Este projeto refere-se a um ponto de desembarque para armazenagem, beneficiamento e comercialização de pescado para atender os pescadores artesanais da região.

Na balsa dos pescadores são negociados preferencialmente os peixes de escama, os quais são mais consumido pela população local. *“Às vezes a gente leva o pescado na balsa dos pescadores e vende lá. O valor é bom, mais nem todo mundo come dourado peixe liso e aí vendemos mais para os frigoríficos” (entrevistado 3)²⁶. Segundo Silva (2009, p.19) “(...) não é da cultura amazonense comer peixe-liso, existe o tabu cultural do peixe-liso ser remoso, ou seja, é indigesto, que pode provocar problemas de pele, fazer mal à saúde (...)”. Essas espécies tem intensa comercialização na região, porém, o desembarque ocorre na sua maioria em frigoríficos flutuantes²⁷, onde o pescado é negociado com os comerciantes da Colômbia (FERRAZ E BARTHEM, 2016).*

O valor do pescado é estabelecido pelos compradores do entreposto. Eles são os que mais se beneficiam nesse processo, visto que, não precisam se deslocar por grandes distancias para realizar a compra, pois as negociações ocorrem no próprio entreposto de pescado, onde é local de desembarque, comercialização e distribuição de pescado. Além do mais, neste entreposto funciona a sede da Associação dos Compradores e Vendedores de Pescado de Tefé (ASCOVEPT). *“Eles entram em acordo para comprar o peixe somente por um preço, o que acaba barateando o nosso produto” (entrevistado 4)²⁸. Outro pescador também afirmou: “Chega na balsa com uma canoada de peixes, eles já estão combinados, aí não tem mais para quem vender o jeito é vender para eles mesmos, se não pode estragar os peixes” (entrevistado 8)²⁹. Sendo assim, os pescadores não têm condições de armazenar os produtos e preferem vender tudo de uma vez só, ou seja, a falta de infraestrutura adequada para a armazenagem é um fator que sujeita o pescador a esses compradores. De acordo com Furtado (1993), os compradores atribuem um valor X ao produto em que não estão inclusos os custos da longa jornada de trabalho dos pescadores e as possíveis perdas dos utensílios de pesca e impõem um valor no produto visando*

²⁵ OLIVEIRA, Mário. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

²⁶ SANTOS, Raimundo. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

²⁷ Os flutuantes como edificações típicas da Amazônia, são encontrados em todas as cidades ao longo da calha do Rio Solimões e por todo o estado do Amazonas (MORAES, 2012). “(...) corresponde a uma casa sobre uma estrutura no rio, feita de forma totalmente artesanal a partir de toras de madeira que a fazem flutuar, podendo desempenhar diversas funções como moradia, comércio ou mesmo um papel institucional” (MORAES, 2012, p. 68).

²⁸ RAMALHO, Irací. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

²⁹ MIRANDA, Leandro. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

apenas o lucro. Eles são capazes de determinar o valor do trabalho dos pescadores por serem os únicos compradores da produção local.

O preço do quilo do peixe imposto pelos compradores de pescado é considerado muito baixo pelos pescadores “*o peixe que vendo para eles são mais baratos, com certeza eles ganham 3 vezes mais com a revenda. Cada caçapada³⁰ é 40,00 e quando eles vendem para o consumidor é 10,00; 20,00 o kg do peixe*” (entrevistado 7)³¹. Cada caçapa de peixe equivale aproximadamente 40 quilos de peixes, quando o comprador vende para o consumidor final por quilo e dependendo da espécie de peixe ele fatura bem mais com a revenda. Quando há grande oferta de peixes, o valor do pescado cai mais ainda, assim como afirma o entrevistado: “*Muitas vezes eles compram o pescado abaixo do preço quando os frigoríficos estão abastecidos e a gente não pode reclamar por que não tem muitas opções de compradores*” (entrevistado 6)³².

Nesse contexto, o pescador está subordinado a lógica capitalista, porque parte dos frutos do seu trabalho é apropriado pelos agentes do capital (frigoríficos e compradores), muito embora seu trabalho, o ato de pescar, não se caracterize como relação capitalista de produção, pois não é um trabalhador assalariado. Dessa forma, em concordância com Oliveira (2007), o sistema capitalista se apropria das relações não capitalistas de produção através da circulação da mercadoria, criando e recriando as condições de desenvolvimento dessas relações.

Nesse sentido, o trabalho dos pescadores artesanais, de acordo com Diegues (1983), não pode ser interpretado apenas na forma abstrata, como valor de troca, porque apenas uma parte se transformou em objeto de compra e venda, parte da produção é destinada a subsistência imediata, a outra parte do excedente, sob a forma de mercadoria é comercializada. Assim a conversão de mercadoria em dinheiro se faz com a finalidade de se obter os meios para adquirir outras mercadorias, necessária à sua sobrevivência e não acúmulo de capital. (OLIVEIRA, 2007).

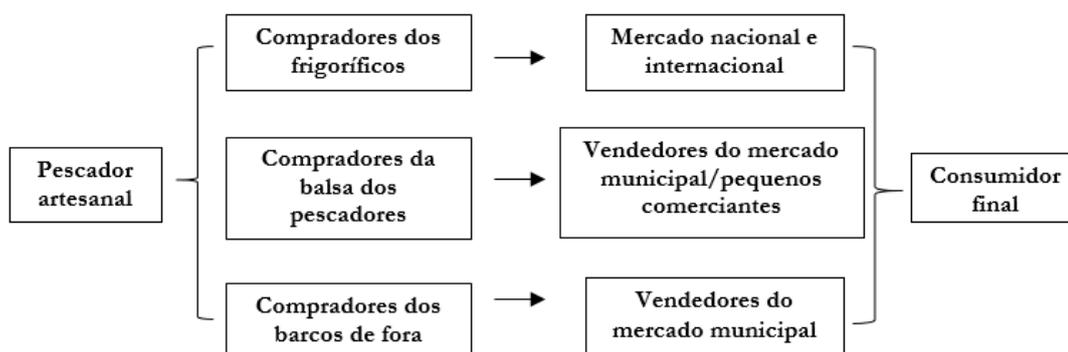
Para compreendermos melhor o processo de comercialização do pescado, consideramos o seguinte fluxograma (figura 4), que identifica os agentes envolvidos na produção e comercialização de pescado.

³⁰ Caçapada – “são grades de plásticos onde são colocados os peixes para serem negociados com os compradores. Cada caçapada equivale em média 40 quilos.

³¹ BRANDÃO, Francisco. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

³² NASCIMENTO, Juraci. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

Figura 4. Fluxograma dos agentes envolvidos na produção e comercialização.



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Outra questão abordada foi se havia disputas por territórios de pesca “*Da área que pescamos não há invasão, nos respeitamos os limites. Mas existem áreas que são preservadas e que tem disputa sim*” (entrevistado 10)³³. Quando a pesca é realizada em área de outras comunidades, os pescadores ficam impossibilitados por não haver acordo entre as comunidades. Para Moraes (2012) os ambientes de pesca são exemplos dos casos de conflitos pelo uso da área, mas que já é instrumento previsto nos planos de manejo que são os acordos de pesca. Nos acordos são predefinidos, por exemplo, os períodos em que a pesca é permitida, a quantidade máxima a ser retirada, quem pode utilizar o recurso, apetrechos permitidos, entre outros (Instrução Normativa N°29 de 31 de dezembro de 2002).

Perguntamos se havia barcos de pesca industrial e predatória vindos de fora que atrapalhavam na pesca, eles responderam: “*Não tem, só umas balsas que vão tirar areia e espantam os peixes daquela área de pesca, estragam os lances*” (entrevistada 9)³⁴. Essas balsas, segundo a pescadora é do município de Tefé.

Com relação as organizações coletivas, A Colônia de pescadores Z-4, a Associação dos Pescadores Artesanais e Manuais do Município de Tefé (ASPANT) e o Sindicato dos Pescadores de Tefé (Sindpesca) são entidades em que os pescadores artesanais da comunidade estão filiados. Elas “são necessárias para viabilizar a autorização de pesca e sua comercialização” (GOLÇALVES, 2008, p. 70), são via de acesso aos benefícios assistenciais como aposentadoria, auxílio-doença,

³³ FERREIRA, JOÃO. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

³⁴ SOUZA, Maria. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

salário-maternidade e seguro-defeso e por meio delas são estabelecidos os fóruns de discussão que permitem a orientação dos técnicos para as práticas de uso dos recursos (GONÇALVES, 2018).

Com base nisso, perguntamos aos pescadores se eles se sentem representados pelas entidades nas quais são filiados, *“eles me ajudaram sempre que precisei por que já recebi todos os meus direitos principalmente os auxílios maternidades que já recebi mais de uma vez”* (entrevistado 7)³⁵, outra pescadora respondeu: *“no meu caso quero dar entrada na minha aposentadoria e eles já me atenderam e auxiliaram”* (entrevistado 2)³⁶. Sobre a importância e função dessas entidades alguns pescadores responderam: *“eles trazem bastante benefícios mais tem que pagar direitinho as mensalidades se não perde todos os direitos”* (entrevistado 4)³⁷, outro respondeu: *“Ajuda os pescadores”* (entrevistado 6)³⁸. O valor da mensalidade paga as associações corresponde ao valor de 25,00. Além das mensalidades, os pescadores também pagam uma taxa variável referente cada produção comercializada para a prefeitura de Tefé, referente ao manifesto do mercado (destinado para manutenção do entreposto e do mercado municipal). Dessa forma, o recebimento do seguro defeso só é liberado mediante o comprovante da nota fiscal da venda do pescado e do pagamento do manifesto. Além de auxiliar no acesso aos direitos dos pescadores, as entidades não apresentaram nenhum projeto em prol dos pescadores, principalmente para ajudá-los a comercializar de forma autônoma.

Ao questionarmos sobre a existência de políticas públicas (Municipal, Estadual e Federal) destinadas a melhoria de qualidade de vida e trabalho para os pescadores, uma entrevistada respondeu: *“Existe apenas um financiamento em parceria do Instituto de Desenvolvimento do Estado do Amazonas (IDAM) com o Sindpesca para aquisição de utensílios de pesca (malhadeira, motor, isopor). Não cheguei a me comprometer com o financiamento”* (entrevistado 8)³⁹. De acordo com a secretária do Sindpesca, o valor deste financiamento é de 21 mil reais, destinado para aquisição de máquinas, equipamentos e apetrechos de pesca, desde que, o pescador esteja cadastrado como pescador artesanal profissional. No entanto, nenhum dos pescadores entrevistados aderiram a este financiamento, pois não quiseram comprometer suas rendas. Segundo Araújo (2017):

O Estado também não tem criado mecanismos efetivos para que o pescador possa se adequar às novas exigências da atividade, tão penalizada pela poluição, falta de

³⁵ NASCIMENTO, Fernando. (pescador - nome fictício). Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

³⁶ ANDRADE, Júlio. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

³⁷ CORRÊA, Guilherme. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

³⁸ MARTINS, Moises. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

³⁹ SILVA, Tarcísio. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

capacitação adequada e efetiva, e falta de subsídios que verdadeiramente contribuam para a melhoria na qualidade de vida do pescador, ou mesmo a falta de acesso aos subsídios, pois o pescador não tem o que dar de garantia para ter direito aos empréstimos. (p. 78)

A sugestão seria, que os pescadores artesanais deveriam contar com políticas públicas exclusivas para o setor, que vise o fortalecimento da atividade de pesca, melhorando todas as etapas da cadeia produtiva, desde a produção até a comercialização do pescado.

Os pescadores, na sua maioria, não exprimem uma consciência coletiva de classe e não costumam se organizar em defesa de seus interesses, quando perguntamos se eles se organizavam para lutar em prol de melhorias, somente dois responderam que sim “*Nos organizamos juntamente com as colônias e associações para conseguir um frigorífico para nós mais nos reunimos somente uma vez e não conseguimos*” (entrevistado 7)⁴⁰. Outro pescador relatou: “*Nunca nos reunimos, os presidentes têm que ter a iniciativa*” (entrevistado 1)⁴¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da descrição da paisagem e da análise da dinâmica territorial do pescador, verificou-se que o trabalho na pesca se constitui como fonte de emprego e renda para os pescadores artesanais da comunidade Vila Bastos sendo realizada pelo núcleo familiar ou de forma coletiva. A pesca na sua maioria é caracterizada em pequena escala, com pequenas embarcações de madeira e apetrechos de pesca simples.

As maiores dificuldades enfrentadas pelos pescadores são chuva, temporais, sol, banheiros, botos e piratas. Além disso, a questão da comercialização também se inclui como uma dificuldade, visto que, a combinação realizada entre os compradores do entreposto no sentido de praticarem um único preço, considerado muito baixo para os pescadores, inviabiliza quaisquer tentativas aos pescadores de procurar um preço mais favorável.

O trabalho do pescador é, por vezes, infrutífero por que a renda varia de acordo com a sazonalidade da região. Além disso, são explorados pelos compradores de pescado, e ainda sim, se sentem satisfeitos com suas condições de vida e de trabalho, pois a pesca garante o sustento de sua família.

As relações estabelecidas entre os pescadores artesanais e os compradores de pescado são estritamente comerciais. Os pescadores estão submetidos as condições impostas pelos

⁴⁰ SANTOS, Josefa. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

⁴¹ NUNES, Fernando. (pescador - nome fictício) Entrevista concedida a OLIVEIRA, Gleiciane. Tefé, 23 de maio de 2021.

compradores, e essa condição se dá por não haver principalmente uma estrutura para a comercialização e nem para o armazenamento que atendam às necessidades dos pescadores da região. O pescador está subordinado a lógica capitalista, porque parte dos frutos do seu trabalho é apropriado pelos agentes do capital (frigoríficos e compradores), muito embora seu trabalho, o ato de pescar, não se caracterize como relação capitalista de produção, pois não é um trabalhador assalariado.

Quanto à organização política de classe, verificou-se a importância da Colônia de pescadores Z-4, da Associação ASPANT e do Sindicato dos pescadores como forma de defender minimamente seus direitos e auxiliando o acesso aos benefícios. No entanto, elas poderiam ser mais efetivas na busca de soluções para os pescadores, pois não há políticas públicas que vise a melhoria de qualidade de trabalho dos pescadores que na sua maioria, não exprimem uma consciência coletiva de classe e não costumam se organizar em defesa de seus interesses.

Portanto, este estudo apresenta uma importante contribuição para pensarmos o mundo do trabalho sob a ótica da geografia em relação às comunidades pesqueiras no Amazonas. Tem o potencial de ajudar na compreensão dos problemas enfrentados por essa comunidade de pescadores e de propor políticas públicas adequadas para a realidade dessas famílias. Sugere-se políticas públicas exclusivas para o setor pesqueiro, que vise o fortalecimento da atividade de pesca, melhorando todas as etapas da cadeia produtiva, desde a produção até a comercialização do pescado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ismael Xavier de. **Comunidades tradicionais de pesca artesanal marinha na Paraíba: realidade e desafios** (Tese de doutorado apresentado ao programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Exatas e da Natureza). João Pessoa/PB Março de 2017.

BATISTA, V. S.; BARBOSA, W.B. **Descarte de peixes na pesca comercial em Tefé, médio Solimões, Amazônia Central**. *Amazônia Central*. Maringá, v. 30, n. 1, p. 97-105, 2008.

BILATE, Adriana. **Na proa da canoa: Identidade e seguro desemprego entre pescadores do Amazonas**. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós – Graduação em Antropologia e Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro IFCS/PPGSA). Rio de Janeiro: 2002.

CRUZ, Manuel de Jesus Masulo da. **Territorialização camponesa na várzea da Amazônia**. 274 p. (Tese de doutorado. Doutorado em Geografia Humana da Universidade de São Paulo). São Paulo: USP, 2007.

DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. 7.ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

DIEGUES, A. C. S. **Saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: USP, 2000.

DIEGUES, A. C. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.
FABRÉ, Nídia Noemi & BARTHEM, Ronaldo Borges. **Biologia e diversidade dos recursos pesqueiros da Amazônia**. In: RUFFINO, L.M. A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia brasileira. IBAMA/ProVárzea, Manaus-AM. 2004.

FERRAZ, P.; LIMA, BARTHEM, R. **Estatística do monitoramento do desembarque pesqueiro na região de Tefé – Médio Solimões: 2008-2010**. / Pollianna Ferraz; Ronaldo Barthem (Autores). – Tefé, AM: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2016.

FURTADO, L.G. Pescadores do Rio Amazonas: In: **Um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área Amazônica**. Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

GANGRA, A. L. 2010. **O Mercado do Pescado da Região Metropolitana de Manaus. Série: O mercado do pescado nas grandes cidades latino-americanas**. CFC/FAO/INFOPECA. ISSN: 1688-7085.

GOMES, Paulo Cesar da costa. **Quadros Geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar** / Paulo Cesar da costa Gomes – 1º ed.-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GONÇALVEZ, Ana Cláudia Torres. **Os conhecimentos tradicionais nas práticas de manejo de pirarucu (Arapaima gigas) no médio Solimões, Amazonas**. / Ana Cláudia Torres Gonçalves. – Tefé, AM: UEA, 2018.

IBGE. Prévias da população calculada com base nos resultados do Censo Demográfico 2022 até 25 de dezembro de 2022. Disponível em: [POP2022_Municipios_20230619.pdf \(ibge.gov.br\)](https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ro/20230619). Acesso em 19/06/2023.

IDSMS. Boletim do desembarque pesqueiro. Ano, X, nº 17, – julho a dezembro de 2008.

IDSMS. Boletim do desembarque pesqueiro. Ano, X, nº 18, - janeiro a junho de 2018.

LEAL, Camila Ribeiro. **O circuito espacial de produção da pesca artesanal no norte do Rio de Janeiro: desigualdades e resistências cotidianas**. Mares Revista de Geografia e Etnociências. Volume 3, Número 1, 2021 IS S N: 2 675-2 6 9 7

LESSA, Sérgio. **Mundo dos Homens: Trabalho e ser social** / Sérgio Lessa. – São Paulo: Instituto Lukács, 2012. – 3ed. rev. cor. 254 p.

MARINHO, José Lino do Nascimento Marinho. **Seringueiros do médio Solimões fragmentos e memórias de vida e trabalho Midle Solimões Tappens. Fragments and life memories and labour.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2013.

MCGRATH, D.G.; CASTRO, F.; FUTEMMA, C.; AMARAL, B. D. & CALABRIA, J. 1993^a. **Fisheries and the evolution of resource management on the lower Amazon floodplain.** *Human Ecology*, 2:167-195.

MIRANDA, Rozilene da Silva. **Território e ambiente: a saúde dos camponeses em comunidades rurais no município de Tefé-AM** / Rozilene da Silva Miranda. 2022 132f.

MORAES, A. O.; SCHOR, T.; GOMES, J.A.A. **Relações de trabalho e transporte na pesca de bagres no rio Solimões – AM.** *Novos Cadernos NAEA* v.13 n.1 p. 155-170 julho, 2010.

MORAES, André de Oliveira. **Peixes, redes e cidades: aspectos socioambientais da pesca comercial de bagres no Médio e Alto Solimões – AM** / André de Oliveira Moraes. - Manaus: UFAM, 2012.

MOREIRA, Rui. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia.** 1^a Ed. Reimpressão. São Paulo, Contexto, 2008.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história epistemologia e ontologia do espaço geográfico.** São Paulo: 2 ed. Contexto, 2011.

MORENO, Larissa Tavares; CARVALHAL, Marcelo Dornelis (Org.). **Trabalhadores do Mar: Uma discussão sobre Transformações do Trabalho do Pescador Artesanal de Ubatuba/SP.** *Revista Pegada* – vol. 14 n. 1 p. 150, 2013.

NASCIMENTO, S. C. B. 2017. **Modelagem da produção referente à piscicultura e a pesca comercial artesanal que abastece a cidade de Manaus – Amazonas.** 2017. 74 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

NEVES, J. M.; COELHO, A.; PERALTA, N. **Pescadores, barcos e frigoríficos: um estudo da cadeia produtiva do peixe liso na Região de Tefé (Am).** *Revista GeoAmazônia* Belém v. 07, n. 13 p. 183–201 2019. <http://www.geoamazonia.net/index.php/revista/index> eISSN: 2358-1778

OLIVEIRA, A. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária.** 1^oed. São Paulo: Labur edições, 2007.

RAPOZO, P. H. C. **A renda da água: trabalhadores da pesca e as redes de comercialização na Amazônia Brasileira.** *REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão*, Araraquara, v. 4, n. 1, jul/dez. 2011.

SANTOS, Lucimara; Bernhard, Rafael. **Etnoecologia de peixes do lago Tefé, Amazonas, Brasil, a partir de pescadores locais.** Universidade do Estado do Amazonas. 2017.

SANTOS, Rosa Maria Ferreira dos. **Identidades, saberes e territorialidades no mundo do trabalho das pescadoras de camarão da Ilha do Tarará – Tefé (Am.)** / Rosa Maria Ferreira dos Santos. Manaus: 2020.

SILVA, Crisanto Damião da. **Pesca: classes sociais, territorialidades e trabalho em Manacapuru-AM** / Crisanto Damião da Silva. - Manaus: UFAM, 2009. 145 f.; il. color. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal do Amazonas, 2009.

SOUSA, Arinaldo Martins de. **Pescadores artesanais de Tefé: A criação de uma identidade social conservacionista.** São Luiz: EDUFMA, 2009.

SOUZA JÚNIOR, Moises Torres de. **Redes de pesca empregadas pelos pescadores comerciais em uma área de intensa atividade pesqueira do Baixo Amazonas: caracterização, técnicas e eficiência de captura.** / Moises Torres de Souza Junior, 2018 76f.

THOMAZ JÚNIOR, A. **Por uma geografia do trabalho.** Barcelona, 2002 b. Disponível em: <http://www.ub.es/geocritc/c4-athoy.htm>.

Submetido em: agosto de 2024.

Aceito em: novembro de 2024